

Comércio em Belém: da João Alfredo aos Shoppings Centers

The Trade in Belém: From João Alfredo to the Shopping Centers

Verena Vieira (*Bacharelada em Moda*)
Universidade da Amazônia
vere_vieira@yahoo.com.br

Fernando Hage (*orientador*)
Universidade da Amazônia
fernadohage@gmail.com

Resumo

Este artigo é um compêndio de uma pesquisa realizada para o programa de iniciação científica da Universidade da Amazônia que pretende investigar as mudanças no comércio local, tendo a moda como facilitadora desse processo. A pesquisa parte da Rua João Alfredo, chamada nos primeiros séculos de colonização de Belém, de “Rua dos Mercadores” e finda nos mais modernos espaços de compras: os *shoppings centers*.

Palavras-chave

Comércio; Moda; História.

Abstract

This article is a compilation of a research program for undergraduates at the Universidade da Amazônia that aims to investigate the changes in the local market, with fashion as a enabler of this process. The research begins at Rua João Alfredo, called in the first centuries of colonization of Belém, the "Street of the Merchants' and ends in modern shopping areas: the shopping malls.

Keywords

Trade; Fashion; History.

Introdução

A cidade de Belém do Pará conta atualmente com quatro grandes centros de compras modernos denominados de “shopping centers”. O Shopping Pátio Belém, primeiramente chamado de “Iguatemi” inaugurou em 27 de outubro de 1993 foi uma iniciativa local de unir grandes segmentos de lojas paraenses e outras franquias nacionais.

A partir dessa iniciativa, outros shoppings centers foram sendo construídos nos mais diversos pontos da cidade: Shopping Castanheira (1993); Boulevard Shopping (2009) e Parque Shopping (2012). Segundo Sodré (2006, p.9) shoppings centers tem como objetivo atrair mais consumidores, apresentando os seus atrativos, onde o slogan da “segurança” se destaca, porque de acordo com este entendimento, o frequentador “desfrutará” de diversão, lazer e “cultura” com segurança.

Contudo, antes de contar com esses centros de compras modernos, o público feminino belenense encontrava roupas e acessórios da moda nos magazines locais. Os magazines, casas onde se vendem artigos de modas que muitas vezes num mesmo ambiente encontravam-se os objetos da moda e atrações como desfiles e cafés, surgiram ao final do século XIX e início do século XX em Belém.

Um dos mais conhecidos magazines com auge nos séculos XIX e início do século XX é o Paris N'Ámerica. O prédio até hoje em funcionamento, localizado na zona comercial antiga da cidade, foi construído em estilo eclético com traços do *art nouveau* na escadaria de ferro fundido e possui um grande relógio central, símbolo de riqueza e ostentação. A loja importava tecidos finos e artigos da moda para atender as mulheres de classes abastadas.

Entende-se por zona comercial antiga, principalmente os trechos das Ruas Conselheiro João Alfredo e Santo Antônio, sendo que a primeira se trata de umas das primeiras ruas da cidade (século XVI) e a segunda é uma continuação do caminho que leva até a Avenida presidente Vargas, construído no século XVII.

Dessa forma, a pesquisa analisa por meio da história como se deu o deslocamento do centro antigo de Belém, que do início do século XIX a meados do século XX conservou-se como um local de compras e sociabilidade

da elite, para os atuais e modernos *shopping centers* localizados em outras áreas da cidade.

Cidade e Comércio

Pode-se dizer que “cidade” numa conjuntura moderna significa um aglomerado populacional com organização em determinado espaço geográfico específico, possuindo administração própria e a maioria dos habitantes não trabalha na produção de alimentos (SILVA, 2013, p.51).

Segundo Braik e Mota (2002, p.45) foi na Mesopotâmia que surgiram as primeiras civilizações. Os sumérios, povo oriundo do Planalto Irã, ocuparam a região da Caldéia (média e baixa Mesopotâmia) e foram responsáveis pela criação da escrita cuneiforme, pelo desenvolvimento da arquitetura, técnicas de irrigação, artes e comércio. Essa sociedade possuía rígidas divisões sociais, sendo base dessa pirâmide: os escravos, os camponeses e outras categorias de trabalhadores, que constantemente eram chamados a prestar serviços militares e na construção de obras públicas.

A construção dessas obras permitiu a organização da sociedade e a criação de um moderno sistema de irrigação e drenagem para acrescer e aprimorar as atividades agropastoris. Dessa forma, a cidade se tornava mais abastada e complexa. A produção excedente era disposta para o comércio que se estabeleceu como sendo a troca de mercadorias ou aquisição de objetos por meio de outros objetos considerados valiosos.

De acordo com o dicionário Arurêlio Buarque de Holanda Ferreira, a palavra “comércio” significa “permuta, compra e venda de produtos ou valores; mercado, negócio.” (2004, p.247). “Mercado” vem da palavra latina *mercatus* que por sua vez constitui o local onde eram feitas as vendas e a palavra “comércio e seus derivados também vem dessa linha, sendo um “conjunto” de *merx*, Mercadoria.(ORIGEMDAPALAVRA).

Dessa forma, a importância desse sistema que nascia aumentava na medida em que se tornava ponto de encontro de outros povos tornando-se assim um pólo mercantil:

O próspero artesanato atraiu a atenção de diversos povos, que por meio das cartas de crédito efetivaram vultosos negócios na área. Outras operações bancárias, como empréstimos a juros, corretagem e associações, também ocorriam com frequência entre os mercadores. O padrão de troca comercial eram barras de metal. (Ibid., p.46).

Nesse sentido, ao longo da evolução da humanidade o comércio passa a ser praticado nos mais diversos locais e com características relacionadas a cada contexto cultural onde ele se insere.

A cidade de Belém, capital do Estado do Pará conta com uma população de aproximadamente 1.351.618 habitantes. (IBGE, 2010). Objeto de colonização portuguesa seu processo de ocupação territorial se deu a partir de 1616, no século XVII, sendo fundada por Francisco Caldeira Castelo Branco. A cidade inicialmente foi nomeada Feliz Lusitânia, depois, chamou-se Santa Maria do Grão Pará, Santa Maria de Belém do Grão Pará e, finalmente, Belém do Pará. (FERNANDES; LIMA, 2006, p.2).

O primeiro século da colonização amazônica foi marcado pela presença das missões religiosas. Os conflitos entre missionários e colonos estavam associados ao uso da mão de obra indígena. O trabalho de catequização da igreja católica obstava os interesses mercantis dos colonos em relação ao comércio das drogas do sertão, a propriedade da terra e a permanência dos índios escravizados nos espaços de produção (BRAIK; MOTA, 2002, p.201).

Foi em meio a esse conflito que a Rua João Alfredo foi surgindo como umas das primeiras edificações. Primeiro foi chamada “Rua dos Mercadores”, depois recebeu o nome de “Rua da Cadeia” até que ao final do século XIX foi nomeada “Rua Conselheiro João Alfredo”. Nesse sentido, é a partir do século XVIII que a Rua dos Mercadores se estabelece como ponto comercial. (BAENA; HAGE, 2012).

Ainda durante o século XVIII, com a política do Marquês de Pombal, ministro do rei de Portugal Dom José I, deu-se início a uma nova mentalidade: a dinamização da economia local. Essa nova concepção política priorizava a economia mercantil baseada no tráfico negreiro e na valorização de colônias descentralizadas (Pará e Maranhão). Assim, Pombal expulsa os missionários jesuítas, firma a liberdade dos índios, impulsiona a exploração das riquezas da região e o desenvolvimento do comércio para dinamizar a economia. (BRAIK; MOTA, 2002, p.211).

A Rua João Alfredo

O ponto de partida para o desenvolvimento da cidade de Belém foi o Forte do Presépio. Em meados de 1650 as primeiras ruas foram surgindo, sendo quase todas paralelas ao rio. No início do século XVIII Belém estava dividida em dois bairros: da Cidade e da Campina. A cidade era plana, com ruas estreitas e irregulares. A rua mais larga aberta até 1784 no bairro da Campina era “Rua dos Mercadores” cujo nome foi dado, pois estavam localizados os principais comerciantes. (CRUZ, 1971).

Depois, a Rua dos Mercadores passou a ser chamada de “Rua da Cadeia” recebeu essa denominação pelo fato de estar situado o presídio da cidade, localizado nos baixos da Casa da Câmara. Por volta de 1870 recebeu o atual nome “Rua Conselheiro João Alfredo” para homenagear o então presidente da província do Pará João Alfredo Correia de Oliveira. (CRUZ, 1992).

Deste modo, o bairro da campina foi se configurando a partir da atual Rua Conselheiro João Alfredo se consolidou como centro da zona comercial, com variado sortimento de mercadorias em suas lojas. Devido a essa variedade de coisas, atendia não só a população local, mas também pessoas de outras regiões da Amazônia. (CRUZ, 1973).

Na metade do século XIX a “Conselheiro João Alfredo” já comportava sua vocação comercial e em função da exportação da borracha passa por melhoramentos em sua infraestrutura. Durante a gestão de Antônio Lemos, a

cidade foi saneada e a maior parte das ruas do Comércio e da Cidade Velha foram calçadas com paralelepípedos de granito.

O período de 1880 a 1910 (final do século XIX e início do Século XX) foi conhecido como o período áureo da riqueza advinda da extração e comercialização da borracha, a *Belle Époque*. Logo, foi uma época de euforia social e cultural que tomou conta do estado do Pará e também a era de maiores intervenções nas cidades com a finalidade de modernizá-las e assim preencher os anseios da nova elite paraense.

Figura 1: Foto Rua Conselheiro João Alfredo na Belle Époque século XIX



Fonte: Álbum do Pará 1939, acervo do Arquivo Público do Estado do Pará.

A Rua João Alfredo entrou nesse processo de modernização, tornando-se um espaço onde a burguesia amazônica desfilava sua riqueza. Nesse contexto, essas elites foram introduzidas na dinâmica do mercado mundial e a cidade de Belém do Pará ganhou novos contornos tornando-se um “empório comercial” da bacia amazônica. (DAOU, 2004, p.24).

Devido a esse remodelamento da cidade, também foram introduzidos “novos hábitos de vida” e camada mais abastada, enriquecida pela borracha, passou a construir residências com azulejos de Portugal, inspirações no *art*

nouveau, colunas de mármore e demais referências francesas. (SARGES, 2006).

Com a cidade embelezada, a Rua João Alfredo passa a ser uma passarela de vestidos de luxo, feitos com as mais caras fazendas. A moda então passa a refletir esse ideário de modernidade e o vestuário passou a ser um dos itens mais caros.

Segundo Sarges (2002 apud SOUZA, 1987, p.29) “o século XIX com o advento da industrialização e da burguesia gerando um novo estilo de vida, estimulou um desejo pelas inovações e gosto pela imitação, tornando a moda um fenômeno democrático”. Nesse sentido a moda é um fenômeno cultural, social e estético que busca captar as sutilezas ligadas às mudanças sociais e refleti-las no vestir.

A autora ainda aponta:

Na cidade de Belém do século XIX, mulheres das classes abastadas tinham um zelo especial pela indumentária, tanto que mandavam buscar seus vestidos em Londres e/ou Paris. Para resolver essa questão, estabelecimentos comerciais se instalaram para atender o requinte de damas e cavalheiros. (Ibid., p. 29)

Destarte, com a modernização do comércio, em 1870 começam a surgir os primeiros grandes magazines na capital paraense, que ofertavam principalmente novidades da moda vindas de Paris (BONADIO, 2007, p.58). Um desses magazines é o *Paris N' América*, localizado na Rua Santo Antônio (continuação da Rua João Alfredo) erguido no auge da economia do látex, sendo referência de compras de artigos de vestuário para as damas da cidade.

Além dos grandes magazines, surgem as “casas” especializadas em produtos de vestuário importados sempre utilizando os termos “elegante”, “moderno” e “chique” nos anúncios publicados em jornais da época.

A Rua João Alfredo, então, se consolida durante o período do ciclo da borracha como centro de compras da elite belenense. Porém, com o declínio da economia gomífera, em princípios do século XX, muitos estabelecimentos fecharam suas portas ou mudaram o segmento de seus produtos.

Ainda assim, apesar da crise econômica havia uma circulação intensa de artigos de moda na vida cotidiana da belenense. Esse fato é confirmado a partir da análise de anúncios de lojas em periódicos a partir de 1915. Deste modo, a Rua Conselheiro João Alfredo continuava a ser um centro de compras de vestuário e acessórios.

Conforme anúncios como o do jornal *A Palavra* (1918), diversos estabelecimentos comerciais estavam em pleno funcionamento na Rua Conselheiro João Alfredo. A “Casa Guerra”, por exemplo, oferecia variedades de produtos de vestuário, como chapéus, flores e enfeites. Veiculava seus anúncios nos jornais locais, usando um discurso convidativo: “Casa Guerra, a casa onde todas compram”.

Figura2: Anúncio Casa Guerra, *A Palavra*, 29 de setembro de 1918, Belém.



, Fonte: Acervo Biblioteca Arthur Viana – CENTUR

Logo, de acordo com a pesquisa dos anúncios, pode-se afirmar que ainda na segunda metade do século XX, a antiga Rua dos Mercadores manteve-se como cenário de sociabilidade e de abastecimento de produtos do vestuário feminino.

Mudanças no comércio a partir da metade do século XX

Na década de 1960 a rua tinha como frequentadores a geração jovem, “os brotinhos” que andavam em turmas e desfilavam as últimas novidades da

moda (BAENA; HAGE, 2012). Segundo Sodré (2005, p.31) A Rua João Alfredo era um dos principais “*points*” de encontro e a poluição sonora, diferente dos dias atuais, era quase inexistente, assim como a população de vendedores ambulantes era diminuta.

No entanto, ao final dos anos 60 devido a um considerável aumento populacional (IBGE, 1950) e ao aumento da criminalidade, a Rua João Alfredo foi sendo ocupada por outros personagens como os ambulantes e moradores de rua. A sujeira e a poluição visual também começou a tomar conta do lugar e a infraestrutura do espaço já se encontrava em péssimas condições.

A partir da década de 1980, o centro comercial de Belém perdeu sua projeção como lugar de lazer e compras da camada mais elitizada. Nessa época outros padrões de comportamento e modo de vestir iam se estabelecendo na nova organização da cidade de Belém.

Nesse contexto, um novo centro comercial surgira em sentido transversal ao centro comercial antigo: a Avenida Presidente Vargas, chamada primeiramente de 15 de Agosto. Essa nova avenida, mais moderna e mais larga se caracterizou por ser um centro de negócios, instalando o prédio do Banco Central.

Este novo centro de Belém, bem individualizado também passou a ser área residencial quando aparecem os primeiros prédios modernos, arranha céus e grandes hotéis. Nesse limiar, um moderno centro de compras passa a existir: a Avenida Brás de Aguiar, local onde se instalaram *boutiques* e construídas as primeiras galerias de lojas e “*small shoppings*” da cidade se estabelecendo como o novo “*point*” da moda paraense até a década de 1990.

Conclusão

A Rua João Alfredo antes ponto de referência em compras e sociabilidade do século XIX ao início do século XX já ao final da década de 80 se configurava como um lugar sujo, desorganizado, perigoso e de aspecto depreciativo (SODRE, 2005, p.38), aparentemente abandonado pelo poder público e pelas famílias proprietárias dos casarões.

De acordo com Dias (2007, p.14) a partir da década de 1990 o governo paraense deu início a estratégias que buscavam a revitalização de edifícios históricos e culturais, reforma da região portuária, tendo em vista o projeto da “Estação das Docas” e assim, na segunda metade dos anos 90 o processo de urbanização culminava com um indevido inchaço da população, fator que contribuiu para o aumento do comércio informal.

A Rua atualmente mantém sua função comercial, porém com outro sortimento de produtos. Hoje, o chamado “comércio popular” fornece itens como: material para confecção, artigos de festas, bijuterias, plásticos, objetos de moda vindos da china, dentre outras miudezas.

Além disso, a “Conselheiro João Alfredo” carrega um precioso patrimônio histórico com edificações principalmente datadas do século XIX. Apesar disso, sua área encontra-se descaracterizada e com graves alterações visuais por conta das propagandas irregulares dos atuais estabelecimentos, da desorganização provocada pelos vendedores ambulantes e suas barracas, bem como pela má distribuição do espaço e da iluminação pública.

Figura 3: Foto da visão térrea da Rua Conselheiro João Alfredo 2013.



Fonte: Foto do Autor

É notório, conforme a figura 3 a deterioração de um espaço que configura um dos eixos mais importantes desde a constituição de Belém do

Pará. Também é infeliz a maneira como se deu a atual ocupação da rua, uma vez que, a presença de barracas de vendedores ambulantes e demais irregularidades impedem a passagem e a visão de um belo conjunto arquitetônico que atravessou séculos de evolução urbana e faz parte de um bairro que possui o maior acervo histórico da cidade.

Por conseguinte, esses foram os dados colhidos durante uma pesquisa que iniciou em novembro de 2012 e findará no mesmo mês em 2013 para a conclusão do programa de iniciação científica. Com isso, pretende-se ainda fazer uma análise dos anúncios dos principais estabelecimentos do século XX e concluir a investigação desse descolamento comercial observando a moda como instrumento facilitador da distribuição do comércio em Belém.

Referências

BAENA, Graziela Ribeiro; HAGE, Fernando. **O Sentido da Moda na Rua João Alfredo**. Belém: Edição do autor, 2012.

BONADIO, Maria Claudia. **Moda e Sociabilidade**: Mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920. São Paulo: Editora Senac SP, 2007.

BRAIK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Brecho. **História: das Cavernas ao Terceiro milênio**. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

CRUZ, Ernesto. **As Edificações de Belém 1783-1911**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. 1º Vol. Belém: UFPA, 1973.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações**. 2ª ed. Belém: CEJUP, 1992.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DIAS, Caio Smolarek; Solange Irene Smolarek. **Belém do Pará: História, Urbanismo e Identidade** (artigo acadêmico Faculdade Assis Gurgacz curso arquitetura e urbanismo) 2006. Disponível em: [www.jornalggn.com.br/sites/default/files/.../belem do para - caio.pdf](http://www.jornalggn.com.br/sites/default/files/.../belem_do_para_-_caio.pdf). Acesso em 08/02/13.

FONTES, Edilza. **Contando a História do Pará**. Vol.II. Belém: E.Motion, 2002.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pa>

MARTINS, Rui Jorge Moraes. ***Visto, logo existo: moda, sociabilidade feminina e consumo em Belém no limiar do século XX***. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. UFPA, 2010.

ORIGEM DA PALAVRA. Disponível em:
<http://origemdapalavra.com.br/plavras/comercio>. Acessado em 15/05/2013.

PAES, Fernanda Regina de Pinho. **“Rua Conselheiro João Alfredo: Reflexões sobre a paisagem urbana de ontem e de hoje”**. Tese (conclusão de curso em arquitetura e urbanismo) – Universidade da Amazônia. Belém, 2006.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém-Estudo de Geografia Urbana: Coleção Amazônica**. Belém: UFPA, 1968.

SARGE, Maria de Nazaré. **Riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)** Coleção Açaí. 2ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei; Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Editora contexto, 2013.

SODRÉ, Marcelo Santos. ***Modernidade e sociabilidade: do “comércio” ao shopping***. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPA, 2006.

